

no Brasil é responsabilidade do Estado, teremos atendido uma exigência social premente numa sociedade cuja urbanização é galopante. Muitas outras prioridades podem ser indicadas. Embora toda a sociedade fale em prioridade social, na verdade aplaude a prioridade que não seja, exatamente a "social". Pois a prioridade "social" está intimamente ligada a serviços.

Pergunta — A luz de sua reflexão sobre centralização política e administrativa, a nível federal, como o senhor poderia, eleito governador, enfrentar a miséria pura e simples, num quadro de recessão e desemprego?

Setúbal — O problema da miséria, isto é, da faixa da população num nível totalmente carente, aparece em todas as sociedades em desenvolvimento, ou mesmo durante o período de desenvolvimento ou mesmo durante o período de desenvolvimento das sociedades modernas. As descrições e os dados que Marx levantou dos relatórios ingleses sobre a sociedade industrial nos seus primórdios também são chocantes. O desenvolvimento trouxe, como corolário, o aparecimento visível, concentrado, de uma faixa de miséria muito grande, como ocorreu em outros países. Temos que eliminá-la mais depressa do que os outros o fizeram. Mas o problema não está subordinado, especificamente, ao governador do Estado. Aparece em contrapartida ao modelo de desenvolvimento econômico, que não está nas mãos do governador a política de industrialização, de distribuição de recursos financeiros, os incentivos econômicos aos diversos setores, a própria distribuição especial da população. Eleito governador, tentaria melhorar as condições de vida, segundo certas linhas básicas de pensamento. O fator "geração de empregos" está intimamente ligado ao problema urbano e, em consequência, ao problema da miséria. É necessário criar empregos em todo o Estado, através da ação direta do governo e de uma ação política eficaz. Nada, porém, é fácil num país em desenvolvimento, com 120 milhões de habitantes, taxa de crescimento da população de 2,4 por cento e o atual nível de renda. Existe um desafio capaz de dar resultados palpáveis, não tenho dúvidas. O que não existe é a certeza de que este desafio, em quatro anos, possa gerar a imagem de um novo País.